

Entre tricôs, batons e livros: trajetórias e caminhos

Lorena Zomer*

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

O livro de Michelle Perrot *Minha história das mulheres*, publicado em São Paulo pela Editora Contexto, em 2007, é uma das várias produções dessa historiadora francesa reconhecida mundialmente, através dos seus escritos acerca da História das Mulheres. Sua obra, mais conhecida é a que foi organizada com Georges Duby, cujo título, na França, era *L'Histoire des femmes en Occident de l'Antiquité à nos jours*, publicada entre 1991 e 1992. No Brasil, a Editora Ebradil, de São Paulo, publicou essa obra, juntamente com a Edições Afrontamento da cidade de Porto em Portugal, com o título: *História das Mulheres no Ocidente*, entre 1993 e 1995.

A primeira tradução de obras de Michelle Perrot ocorreu em 1988, quando a Editora Paz e Terra publicou uma coletânea de artigos, com o título: *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Em 1987, ela organizou o volume 4 da *Histoire de la vie privée*, coletânea em cinco volumes sob a direção geral de Philippe Ariès e Georges Duby. Publicada inicialmente na França, veio a público, no Brasil, pela edição da Companhia das Letras de 1990¹.

O percurso dessa historiadora iniciou-se sob inspiração marxista, através da História Social. Porém, a partir de um curso chamado "As mulheres têm uma História?", ministrado por ela em 1973 na Paris VII - Denis Diderot², Michelle Perrot passou a pesquisar sobre as mulheres na história, numa perspectiva mais foucaultiana. Segundo a autora³, a crítica de Michel Foucault aos conceitos essencialistas e universais, o questionamento que faz às relações de poder produzidas e instituídas, assim como seu interesse pelas "vidas infames e silhuetas desconhecidas"⁴, forneceu novas ferramentas para estudos de caso como os analisados pela micro-história, sempre atenta aos pequenos detalhes e gestos, assim como, para a História das Mulheres, por desconstruir os papéis, os lugares ocupados, como

também por focalizar as funções das mulheres ao longo da história.

Portanto, o trabalho dessa pesquisadora faz parte de um campo historiográfico que, a partir da década de 60, teve um crescente interesse pela História das Mulheres, incentivando a sua efetivação nos estudos históricos, e, posteriormente, também com as reflexões sobre a categoria de gênero. Hoje, a História das Mulheres é uma área consolidada através de diferentes disciplinas, simpósios e cursos acadêmicos em todo o mundo. Michelle Perrot, que foi acadêmica e professora da Sorbonne, atualmente aposentada, esteve em meio à luta pela abertura do espaço acadêmico às mulheres, desde a década de 1960, através de livros, de publicações e de seu programa de rádio. Preocupada com a militância, a emancipação e o reconhecimento da presença feminina na História, Perrot, ao contatar um público não restrito ao acadêmico, mostrou a plena participação das mulheres na trama histórica.

O livro "*Minha história das mulheres*" é resultante das reflexões e pesquisas dessa historiadora francesa, transpostas, ao público em geral, através de seu programa de rádio da *France Culture*, divididos em 25 programas, no ano de 2005. Nesse livro, dividido em cinco capítulos, a autora passeia pela História, principalmente pela Idade Moderna e Contemporânea (seu campo de pesquisa). O problema, para Perrot, estaria na escrita da própria história, cuja centralidade no sujeito histórico masculino teria deixado as mulheres à margem da história. A autora menciona a falta de alfabetização e o acesso, em muitos casos, tardio à escrita, pelas mulheres; porém, esses não seriam os motivos únicos que causaram a sua invisibilidade ou o fato de serem apontadas como vítimas nos escritos: há, também, a falta de problematização das fontes por parte dos historiadores. Isto causava a generalização e a ausência de discussão sobre suas participações.

No primeiro capítulo, intitulado *Escrever a história das mulheres*, Michelle Perrot, em contrapartida à história generalizante masculina, demonstra como

*Mestranda em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: lorenaazomer@hotmail.com.

¹PEDRO, Joana Maria. Michelle Perrot: a grande mestra da História das Mulheres. *Revista Estudos Feministas* [online]. 2003, vol.11, n.2, pp. 509-512 acessível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200009, acessado em 22/06/2009.

²Idem.

³PERROT, Michelle. Michel Foucault e a História das Mulheres In: ALVAREZ, Marcos C.; MISKOLCI, Richard; SCAVONE, Lucila (org.). *O legado de Foucault* – São Paulo: Ed. Da UNESP, 2006.p.63-80.

⁴Idem, p.78.

surgiram diferentes formas de análise do passado-presente, novos objetos e temas na década de 60. A autora tem como intenção, nessa primeira parte, demonstrar como, na história acadêmica, as mulheres passaram a fazer parte dos estudos historiográficos. Marc Bloch teria aberto o leque da história, ao condenar a ênfase política nos escritos; porém, esse mesmo autor deu prioridade à história econômica e social, e não buscou analisar as diferenças dos sexos como uma categoria de análise. Isto irá ocorrer nos anos 60, quando os/as historiadores/as adentram as universidades influenciados/as, também, por movimentos feministas.

Michelle Perrot aponta que são inúmeros os discursos sobre mulheres na história, porém escritos por homens. Estes, não buscam as diferenças nos discursos, mas mostram apenas a presença feminina. As fontes utilizadas por Perrot - além das próprias obras de colegas de trabalho, como George Duby e Michel Foucault - são diversas: arquivos públicos, policiais e judiciários, as quais colaboram para mostrar o cotidiano delas. Há, também, os arquivos pessoais, cartas, diários e biografias; além disso, a literatura e a pintura têm sido fontes importantes para esta história. Muitas dessas estão suscetíveis à destruição, devido à falta de "importância".

Fontes que, diferentemente das formas de análise e estudo antes dos anos 60/70, passam a ser vistas como as primeiras ferramentas, que as mulheres utilizaram para se inserirem na história; assim também como a religião, que, desde os conventos da Idade Média, permitiu que mulheres adquirissem conhecimento, ao traduzir obras enquanto os homens estavam na guerra. De modo análogo, esse caminho deu-se por meio da literatura, principalmente no século XIX, quando surgem os primeiros jornais, e conseqüentemente as primeiras jornalistas e escritoras. É, contudo, entre as duas guerras mundiais que ocorre o crescimento da imprensa feminista, engajada na busca pelos direitos de sufrágio e trabalhistas.

No segundo capítulo, *O corpo* é visto como símbolo das mudanças históricas. Temos a longevidade, ginecologia e não mais a mortalidade dos partos. A virgindade, a maternidade e o casamento são sacralizados, tornam-se uma obsessão familiar e social. Para a mulher, há códigos para o público diferentes dos do privado, de acordo com a época. A diferença dos sexos é marcada pela pilosidade: o cabelo é mais que figuração, é natureza. O véu, como

um símbolo de dominação, e sua polêmica, perdura, não só no mundo árabe, mas até em escolas francesas. O corpo da mulher foi subjugado de diversas formas na história, seja em casa, pelo marido ou no trabalho, por estupro coletivo; sua sexualidade esteve sempre determinada pela sociedade, mas nunca defendida, nem em leis, nem em códigos de honra. A pesquisadora, lembra, ainda, o trabalho de Simone de Beauvoir, através do qual *não se nasce mulher, torna-se mulher*, diante das normas sociais em que está inserida, e que só poderia realmente ser analisada se todo o seu contexto fosse "desconstruído".⁵ O que Perrot pretende mostrar é que o corpo ganha diferentes faces na história.

Em a *Alma*, a pesquisadora pergunta-se: as mulheres têm alma? Segundo a Bíblia sim, e com igualdade espiritual! Ao mesmo tempo, a religião desperta algo ambivalente sobre elas, pois permite poder para as mulheres e sobre elas. Para isso, deve-se lembrar que a freqüência nos lugares santos é regrada. Os conventos, longe dos olhares públicos, poderiam adquirir a tão sonhada educação. E as feitiçeras? Eram apenas mulheres que não tinham seus corpos codificados, com uma versão diferente da sexualidade. Quanto ao saber, as escrituras eram sempre interpretadas por homens. Claro que, com a Reforma e a Contra Reforma que vêem a influência da mulher, passa-se a investir em sua educação nas escolas e ateliês, mas apenas para torná-las agradáveis e úteis, e não instruí-las. Algumas eram, também feministas, freqüentadoras dos primeiros liceus, e lutavam pelo voto.

No capítulo *Trabalho*, Perrot percorre os caminhos pelos quais as mulheres chegaram ao mercado de trabalho, hoje. No campesinato, uma sociedade patriarcal, a escrita nada registrava: temos apenas os seus silêncios. A vida dessas mulheres era regrada de acordo com sua idade e com o ritmo do campo; era um mundo composto por duas hierarquias: a do homem sobre a mulher, e a desta sobre as outras mulheres. Porém, com o advento da industrialização, foram enviadas para os internatos industriais, ou migravam para as cidades. Mesmo com as migrações do campo para a cidade e das novas ocupações nos grandes centros, o trabalho doméstico perpetuou-se, sendo responsabilidade das mulheres, apesar de passar por algumas modificações. Ficou sendo feito pela mulher do operário, pela burguesa e pela empregada vinda do interior.

Hoje as mulheres estão presentes em diversos

⁵PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres* - São Paulo: Contexto, 2007, p. 100.

setores, entre eles: o industrial, o comercial, a Academia, todavia com a persistência do trabalho doméstico. As ocupações que elas mantêm, atualmente, são resultantes de muitas conquistas ao longo da história, pois foram costureiras, atrizes, dançarinas, empregadas de escritório, servidoras dos correios (enquanto faziam seus afazeres de casa). Também se sobressaíram nos cuidados médicos e de saúde, pois, de ajudantes, tornaram-se as primeiras enfermeiras e médicas. Ainda há as advogadas e as professoras, cuja participação no ensino, hoje, é majoritária; porém, no Superior, ainda representam apenas 16% das titulares. Essa última ocupação profissional foi permitida quando o ensino primário passou a ser direcionado, também, às meninas, e, devido a isso, as mulheres foram convocadas para que as ensinassem, tornando-se uma profissão benquista à burguesia e à classe média. Em todos os exemplos citados, as mulheres, através das várias profissões conquistadas, independentemente da ocupação, almejavam ser reconhecidas como participantes ativas, e não passivas, da História, talvez mesmo, ir contra o modelo de feminilidade imposto pela sociedade.

No quinto capítulo, *Mulheres na cidade*, a autora procura demonstrar como diversos espaços e tempos foram desbravados. *Rebeldes em potencial*, as mulheres que antes eram confinadas, esquecem a desonra de mostrar-se ao mundo público e foram em busca dos seus espaços. Através de trabalhos sobre relatos de viagens, como de Natalie Z. Davis,⁶ Perrot descreve como essas mulheres desafiaram as sociedades, pois, de seguidoras de homens, elas decidiram pelo seu próprio caminho. A busca não era a viagem, e sim a liberdade. Hoje, estão mais presentes do que nunca, como tais, por exemplo, as repórteres enviadas pelos meios de comunicação.

São brechas que mudaram as leis, aos poucos. As guerras que abriram portas foram, também, as que tentaram fechá-las, também, como os Estados Totalitários. Mas nem todas, e talvez a minoria, tenham aceitado esse papel. Montaram resistências com força coletiva, em busca de manter o espaço público já conquistado. Nas greves ocupam lugar menor, mas o direito do sindicalismo abriu portas às mulheres, que, através de movimentos e congressos, pregavam seus ideais e ganharam notoriedade no último século. Além da presença, ainda, das muitas mulheres em associações; e ainda, que por meio de

ações piedosas e caridosas para com os necessitados de rua, órfãos, prisioneiros e idosos, tornam-se reconhecidas por suas ações heróicas.

Perrot, através de um livro que mais parece um dossiê sobre a história das mulheres, procura mostrar que elas estavam presentes na História, que conquistaram muitos de seus ideais. No entanto, muitas desigualdades foram mantidas: é o que se percebe na diferença salarial entre os sexos, na violência doméstica sofrida por muitas mulheres. Afirma, ainda, que a história das mulheres não é obra apenas para historiadoras/es feministas, como as que se encontram em todo o mundo, inclusive na Índia, no Japão, na Europa e na América Latina (com destaque para Campinas, Rio de Janeiro e Florianópolis)⁷. É esta, pois uma luta incessante pela busca do respeito e da plena cidadania.

Resenha recebida em: 24/06/2009

Resenha aprovada em: 25/08/2009

⁶DAVIS, Natalie Z. *Nas Margens*. Três Mulheres do século XVII. São Paulo: Contexto, 1997.

⁷PERROT, 2007, p.167.